



A IMAGEM DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEL NA SUA COMUNIDADE

Linete Bartalo (UEL)

Ivone Guerreiro Di Chiara (UEL)

Miguel Luiz Contani (UEL)

Resumo: Com o objetivo de estudar a percepção da comunidade universitária a respeito do curso de Arquivologia da UEL, realizou-se uma pesquisa que verificou se o curso é conhecido por alunos, professores e funcionários; a imagem que eles têm do curso e do profissional arquivista; bem como se as informações veiculadas pelos meios de comunicação interferem na formação de opinião a respeito da profissão de arquivista e do curso em questão. Os participantes, num total de 69 pessoas, foram entrevistados tendo por base roteiros semi-estruturados diferenciados para cada uma das três categorias (alunos, professores e funcionários). Os resultados apontaram que a maioria dos membros da comunidade universitária conhece o curso de Arquivologia da UEL e sabe o que um arquivista faz, todos os entrevistados acreditam que a opinião das pessoas, de um modo geral, bem como o valor do profissional e da profissão são influenciados pelos meios de comunicação.

Palavras-Chave: Imagem do arquivista; Imagem do curso de Arquivologia.

Abstract: To study the university community perception towards the Londrina State University Archival Science Course, a research was carried out to verify whether the course is known by students, teachers and employees, what perception they have of the course and the professional archivist, as well as whether the information disseminated by the media interferes in the opinion formation about the archivist profession and the course itself. A total of 69 participants were interviewed through semi-structured guides designed specifically for each category (students, teachers and employees). Results showed that most of the university community members know about the Archival Science Course and what an archivist does, and all interviewees believe that people's opinion, in general, as well as the importance of the professional and the profession is influenced by the media.

Key words: Perceptions towards archivists; Perceptions towards the Archival Science Course



1 INTRODUÇÃO

Hoje em dia existem inúmeras profissões e muitos cursos de graduação, uns mais conhecidos, outros nem tanto e alguns mais divulgados que outros pelos meios de comunicação. A percepção das pessoas a respeito das profissões e dos cursos, a imagem, a opinião que a população tem das profissões é bastante diversificada. Dentre os cursos de graduação, o de Arquivologia, que existe na Universidade Estadual de Londrina –UEL– há mais de dez anos, foi estudado junto à sua comunidade a fim de verificar se ela sabe da sua existência, a imagem que possui do profissional arquivista e do curso de Arquivologia, bem como se esta comunidade acredita que as informações veiculadas pelos meios de comunicação interferem na formação da opinião a respeito da profissão de arquivista.

Sendo o reconhecimento de uma profissão fator preponderante para a inserção social dos atores, tanto os que já atuam como aqueles que escolhem a profissão e encontram-se engajados na formação que lhes dará direito de exercê-la, estabeleceu-se como objeto de estudo desta pesquisa a percepção que uma determinada comunidade universitária tem de um dos profissionais que a mesma forma. Há de se destacar que a questão da aceitação e mesmo do prestígio, do valor que a sociedade atribui às diversas profissões constituem importante diferencial a ser considerado nas relações humanas, principalmente nas de trabalho. Portanto, considera-se de extrema relevância estudar a percepção que a própria comunidade que criou e implantou um curso tem dele.

O Curso de Arquivologia da UEL, criado em 1998 e reconhecido pelo Decreto Estadual n.º 6.646, de 28/11/2002, trazia como proposta a necessidade que a cidade de Londrina e região tinham de um profissional com conhecimento na área de Arquivologia, pois no estado do Paraná não havia nenhuma universidade que oferecesse este curso. Levantamentos realizados quando da elaboração da proposta do curso apontavam que o mercado de trabalho necessitava de profissionais aptos a trabalharem com a informação desde a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação e uso da mesma, utilizando como ferramenta a tecnologia disponível. Segundo pesquisa desenvolvida na época, a cidade tinha potencial para absorver os profissionais formados pela universidade. Assim, a UEL tem formado profissionais que se inserem no mercado de trabalho, mas percebe-se ainda um desconhecimento sobre o curso de arquivologia e a profissão de arquivista pela sociedade em geral. Esse desconhecimento se deve, entre outros



fatores, a pouca divulgação e valorização da profissão, que muitas vezes é desempenhada por pessoas não graduadas. A divulgação, mesmo em nível local, deixa a desejar e os meios de comunicação, com interesses específicos, acabam sempre por divulgar profissões tradicionais, tais como a de médico, a de engenheiro, a de advogado, ou seja, a cultura da mídia provoca uma massificação de conceitos.

Segundo Gutierrez (1978, p. 20), “Todas as camadas sociais recebem os mesmos produtos culturais. A imprensa, o cinema e os programas de TV estão à disposição de todos, sem distinção de classes sociais ou de níveis culturais”. A população, de alguma forma, é sempre influenciada por esses meios que veiculam requisitos como estética e status, o que leva muitas pessoas a se prenderem a esses aspectos, resultando numa assimilação da cultura massificada. Essas questões influenciam a sociedade a idealizar uma vida que aparentemente só é possível seguindo os moldes do que estão sendo veiculados pela mídia. Para Bartalotti (2007, p. 492),

O status que uma carreira proporciona pode ser desejado por muitos ingressantes no curso superior. Por exemplo, graduados em cursos tradicionais como Direito, Medicina e Engenharia gozam de certas ‘vantagens’ associadas às prerrogativas de suas carreiras, contatos que elas proporcionam ou prestígio.

Dessa forma, pode-se afirmar que o status de uma profissão, ou seja, o valor ou a imagem que a sociedade dela possui, está ligado à opinião pública, que para Viá (1983, p. 7), “é o conjunto de crenças a respeito de temas controvertidos ou relacionados com a interpretação valorativa ou o significado moral de certos fatos”.

A opinião pública se forma em torno de questões que pouco tem a ver diretamente com a maioria dos indivíduos. A opinião privada é a opinião de cada indivíduo, isolada, sem pressão grupal. A opinião se forma e se expressa de modo distinto, seguindo a natureza dos grupos e tipos de contatos que os indivíduos têm dentro desses grupos. Viá (1983, p.9) os divide em dois grupos, o primeiro de solidariedade estreita – comunidade – e o segundo, grupos de solidariedade institucional – sociedade. No caso da comunidade, as atitudes coletivas dos indivíduos são formadas pela influência do meio em que vivem. No caso da sociedade, essa se caracteriza por grupos secundários que não se relacionam diretamente, por isso a sociedade necessita de canais de informação para que se forme a opinião pública.



Apesar de ser um fenômeno coletivo, a opinião pública se apoia numa realidade individual. Para Viá (1983, p. 12), os fatores que ajudam a formar a opinião pública são “estrutura interna dos grupos, grau de mobilidade social, estrutura social de um país em um dado momento; grau de urbanização; grau de tradição e modernização da sociedade e as classes sociais; normas e valores sociais”. Como a opinião pode ser de natureza essencialmente social, não se pode estudá-la fora de um contexto. Para Freitas (1984, p. 179), além dos grupos nos quais o indivíduo está inserido, “os fatores sociais, os psicológicos, a persuasão e os veículos de comunicação massiva interferem na formação e desenvolvimento da opinião pública”.

Dessa forma, a pesquisa aqui relatada investigou a opinião da comunidade universitária a respeito do curso de Arquivologia da UEL, ou seja, a imagem que o curso tem para alunos, professores e funcionários. A relevância deste estudo situa-se no fato de que um dos aspectos importantes de uma profissão é o grau de prestígio que a mesma tem na sociedade, o que contribui para determinar a relação de pertencimento de seus membros.

2 O CURSO DE ARQUIVOLOGIA E SUA IMAGEM

A configuração social de uma profissão acontece, via de regra, pela manifestação dos profissionais que a ela se dedicam. A valorização ou desvalorização de uma profissão no âmbito social, seu status, depende de inúmeros fatores e se forma ao longo dos anos, dos séculos e até mesmo dos milênios.

Embora seja uma "velha profissão" (LAJJEUNESSE citado por ROUSSEAU e COUTURE, 1998), a arquivística constitui-se num corpo de conhecimento cuja sistematização visando à formação de arquivistas é recente. No Brasil, o primeiro curso superior foi implantado a partir de 1977, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

A manifestação e visibilidade dos arquivistas para a sociedade ao longo dos séculos, a forma que esses profissionais realizam seu trabalho nunca chamou a atenção da sociedade, talvez em decorrência do fato denunciado por Lopes (1998, p. 12) de que

A arquivística é uma disciplina sobre a qual muitos se debruçam com um certo desprezo, inclusive parte expressiva do mundo acadêmico. Este campo profissional é percebido mesmo por alguns arquivistas como uma atividade menor de nenhuma



importância social e científica. Trata-se de um caso de auto-depreciação evidente que é explicável pela psicologia social ou ainda pela história de pessoas e casos dentro de um quadro social e cultural determinado.

Partindo da premissa de que a imagem de uma profissão se forma e vai se desenvolvendo ao longo do tempo de acordo com a cultura das sociedades e da visibilidade de seus profissionais e tendo em vista o fato de que atualmente existem 15 cursos de arquivologia no Brasil, percebe-se ainda a não valorização da profissão, tanto no Brasil quanto no mundo. Acredita-se, então, que um estudo que se proponha a investigar a imagem do curso e da profissão numa determinada comunidade seja proveitoso e venha a contribuir para a compreensão do fenômeno. Nesse sentido, Jardim (1999, p. 32) alerta que “os arquivistas têm obrigação de estudar a Arquivologia em três dimensões que se integram, ou seja, o conhecimento arquivístico, as organizações arquivísticas e o próprio arquivista”.

O presente trabalho pode ser categorizado em duas das dimensões apontadas pelo autor: – o próprio arquivista e as organizações arquivísticas – vistas pela lente do contexto em que estão inseridos e se configura como um diagnóstico da percepção da comunidade universitária.

3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A comunidade da UEL é composta pelas categorias discente, docente e de funcionários, num total de 21.982 pessoas, sendo 1555 professores; 3821 funcionários e 16606 alunos. Participaram desta pesquisa 69 membros desta comunidade, sendo sete professores, 12 funcionários e 50 alunos.

Esses participantes foram entrevistados¹ em diversos pontos da UEL com o objetivo de abranger as três categorias desta comunidade. Assim, a Reitoria; todos os centros e departamentos; locais de encontro como o Restaurante Universitário; as cantinas; os pontos de ônibus; Bibliotecas e calçadão foram visitados na busca de membros da comunidade universitária a serem entrevistados. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra na sequência em que foram feitas, por isso os participantes foram numerados na sequência das

¹ A coleta de dados foi realizada pela acadêmica Síntique Raquel Eleutério, do curso de Especialização em Gestão de Arquivos Empresariais da UEL.



mesmas independentemente de sua categoria ser aluno, professor ou funcionário. Posteriormente os conteúdos das entrevistas foram sintetizados para facilitar a análise dos resultados.

Para as entrevistas foram utilizados três roteiros semi-estruturados diferentes, um para alunos (Apêndice A), outro para professores (Apêndice B) e um terceiro para funcionários (Apêndice C). As questões relativas ao alcance dos objetivos de investigar o conhecimento da existência do curso, a imagem do profissional arquivista e do curso de Arquivologia, bem como a crença de que as informações veiculadas pelos meios de comunicação interferem na formação da opinião a respeito da profissão de arquivista foram iguais nos três roteiros de entrevista, diferenciando apenas na caracterização da população. Os roteiros semi-estruturados tinham um total de 21 questões para funcionários e professores e 20 para alunos, sendo que as seis primeiras para funcionários e professores e as cinco primeiras para alunos, referiram-se à caracterização dos participantes (curso, centro, idade, local de trabalho, escolaridade, e tempo de UEL); as três questões seguintes objetivaram investigar o conhecimento da quantidade de cursos de graduação na instituição e o pertencimento dos cursos aos diversos centros de estudos; as cinco questões seguintes visaram atingir o objetivo de conhecimento da existência do curso de Arquivologia entre os cursos de graduação da UEL e as sete últimas investigaram a percepção da influência dos meios de comunicação na formação de opinião a respeito do curso de Arquivologia e do profissional arquivista.

4 A IMAGEM DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UEL NA SUA COMUNIDADE

4.1 Caracterização dos participantes

Participou desta pesquisa um total de 69 membros da comunidade da UEL, sendo 50 alunos (72,46%); sete professores (10,14%); e 12 funcionários (17,39%). Dentre os 69 participantes, 63,77% são mulheres e 36,23% homens, com uma média de idade de 27 anos e 6 meses, a maior idade foi de 60 anos e a menor, 17. Foram entrevistadas pessoas de 20 cursos de graduação da UEL, dentre os 43 existentes, e cinco de cursos de pós-graduação.

Dos 50 alunos entrevistados, 64% são do sexo feminino e 36% do sexo masculino, com uma média de idade de 21 anos e 4 meses, dentre esses, 12% pertencem ao Centro de Ciências Agrárias (CCA); 16% ao Centro de Ciências Biológicas (CCB); 16% ao Centro de Ciências Exatas; 6% ao Centro de Ciências da Saúde (CCS); 10% ao Centro de Educação



Comunicação e Artes (CECA); 20% ao Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA); 18% ao Centro de Letras e Ciências Humanas e 2% ao Centro de Tecnologia e Urbanismo.

Entre os sete professores, 57,14% são do sexo feminino e 42,86% do sexo masculino, com uma média de idade de 46 anos e 8 meses, e uma média de tempo de serviço de 16 anos e 4 meses. Dentre as mulheres, 75% possui doutorado e 25% mestrado, dentre os homens, 100% são doutores. Desses docentes, 14,29% pertencem ao Centro de Ciências Agrárias (CCA); 14,29% ao Centro de Ciências Biológicas (CCB); 14,29% ao Centro de Ciências Exatas (CCE); 28,57% ao Centro de Educação Comunicação e Artes; e 28,57% ao Centro de Letras e Ciências Humanas.

Dos 12 funcionários, 66,67% são mulheres e 33,33% homens, com uma média de idade de 42 anos e uma média de tempo de serviço de 14 anos. Dentre as mulheres, 62,5% têm terceiro grau completo com especialização e 37,5% nível superior completo, com os seguintes cargos: Técnico em assuntos universitários; Assistente social; Chefe de divisão; Secretária e Técnicos Administrativos. Dentre os do sexo masculino, 25% possuem especialização; 25% nível superior completo e 50% o segundo grau completo, ocupando os seguintes cargos: agente de segurança; motorista e técnico administrativo. Os funcionários entrevistados estão alocados nos seguintes órgãos: PROPPG, Segurança, SEBEC, PROGRAD, Área financeira, Hospital Universitário, CCB, Departamento de Computação, Departamento de Letras Estrangeiras, Colegiado de história e CECA.

4.2 Cursos de graduação da UEL

Quanto ao conhecimento a respeito da quantidade de cursos de graduação da UEL, dentre os 50 alunos, 28 não souberam responder; 18 erraram e três acertaram sem demonstrar segurança com relação à resposta dada.

Dos sete professores, dois responderam que não sabiam a quantidade de cursos de graduação da UEL; quatro não deram um número específico, mas uma numeração aproximada, por exemplo, “em torno de 40” e um errou, ou seja, nenhum professor soube responder ao certo quantos cursos de graduação possui a Universidade.

Quatro dos 12 funcionários não souberam responder quantos cursos de graduação a UEL possui; cinco tentaram responder e erraram e três acertaram, respondendo com convicção.



Resumindo, dos 69 participantes da pesquisa, 89,86% não soube responder a quantidade de cursos de graduação da UEL, o que demonstra um desconhecimento da abrangência do trabalho da instituição.

Ao serem solicitados a citar cinco cursos de graduação, o de Arquivologia foi mencionado duas vezes entre os funcionários, sendo que em uma delas foi o primeiro entre os cinco a ser lembrado. O curso mais lembrado foi o de Medicina, dos 12 participantes, este curso foi citado por cinco deles.

Entre os professores, o curso de Arquivologia não foi lembrado e o curso de Biologia foi o mais lembrado, sendo citado por quatro dos sete professores participantes.

O curso de Arquivologia, entre os alunos, foi lembrado por três deles, dentre esses, um era aluno do curso de Biblioteconomia do CECA e outro era estagiário na Secretaria do CECA. O curso mais citado pelos discentes foi o de Medicina, lembrado por 29 dos 50 alunos participantes.

Para verificar o nível de informação dos participantes a respeito dos cursos e centros da UEL, foram apresentados a eles cinco cursos: Ciências Econômicas, Filosofia, Farmácia, Arquivologia e Química e solicitado que informassem a alocação desses nos centros de estudos.

Dentre os 12 funcionários, cinco acertaram todos os centros, sendo que quatro responderam com convicção e um teve dúvida para responder o centro do curso de Química, mas acertou. A alocação do curso de Arquivologia foi indicada corretamente por nove dos respondentes.

Já entre os sete professores, um preferiu não responder essa questão, alegando ter pouco tempo na instituição e três acertaram todos os centros onde são ofertados todos os cursos mencionados. O curso de Arquivologia teve o centro indicado corretamente por cinco participantes da categoria docente. No entanto, os resultados obtidos apontam que os professores parecem não terem informações suficientes sobre os diferentes cursos da Universidade.

Dos 50 alunos entrevistados, cinco responderam corretamente todos os centros onde se alocam os cursos apresentados e o CECA, Centro de Educação, Comunicação e Artes, onde está o curso de Arquivologia, foi indicado corretamente por 18 discentes, embora seis deles tenham observado que não estavam muito certos da resposta fornecida. O curso que a comunidade discente teve mais dificuldade de informar a localização foi o de Farmácia, 39



alunos erraram ou não sabiam a resposta. Cabe destacar, ainda, que dois alunos erraram na indicação do centro do seu próprio curso. Mas, de modo geral, verificou-se que os alunos da UEL não têm um conhecimento a respeito dos Centros de estudo da instituição.

4.3 Percepção do curso de Arquivologia na comunidade universitária

Em relação à existência do curso de Arquivologia da UEL, dentre os 50 alunos, dez responderam que não sabiam que a instituição possuía esse curso. Um participante, o P48 respondeu: “acho que sim, não me é estranho...” e prosseguindo mostrou que estava confundindo o curso de Arquivologia com o de Biblioteconomia, mas na verdade não sabia que a UEL oferecia esse curso.

Dos professores, apenas um disse que não sabia da existência do curso, ele pertence ao CECA, mas faz oito meses que está na Instituição. Todos os outros disseram que sabiam da existência do curso de Arquivologia.

Dos funcionários, um disse que não sabia da existência do curso na UEL, ele trabalha há mais de 19 anos na instituição como segurança. Todos os outros funcionários participantes da pesquisa sabiam da existência do curso na UEL.

Percebe-se, nesta questão, que grande parte da comunidade tem conhecimento do curso de arquivologia, vale destacar que a professora que não conhecia o curso tinha pouco tempo na Universidade.

A respeito da percepção do curso de Arquivologia dentre os alunos participantes, 13 disseram que não sabiam responder a pergunta porque não conheciam o trabalho de um arquivista; quatro achavam interessante, apesar de não saber nada a respeito do curso, como disse o P8: “Na verdade eu não sei o que o curso aborda, mas eu acho que deve ser interessante”. Cinco responderam sobre as profissões, no geral, enfatizando que quanto mais cursos a Universidade tiver, melhor; 21 se limitaram a dizer legal, bom ou interessante; três confundiram Arquivologia com Biblioteconomia, como o P54 que relatou “Eu acho interessante porque a biblioteca é uma parte essencial da faculdade e se não tiver um curso que prepara profissionais pra se dedicarem a essa área ela não vai atingir um nível de excelência razoável”. Um aluno destacou que a UEL é a única do Paraná a ter o curso de arquivologia e três relacionaram a importância do curso com a organização de documentos.



Seis professores acham o curso bom e interessante e um disse que não é ruim. Os docentes identificaram alguns pontos, dois deles ressaltaram que acham bom pela organização de documentos e uma disse que achava interessante, fazendo relação desse curso ao de biblioteconomia, pois ela não sabia diferenciar os cursos e uma afirmou que já teve um estagiário do curso de arquivologia e que o trabalho dele foi muito proveitoso para o departamento.

Entre os funcionários, três disseram que achavam ótimo a existência do curso e, dentre esses, uma também ressaltou que a UEL é a única universidade do Paraná a ter este curso e o trabalho dos arquivistas com a documentação; outros três mencionaram que conheceram pessoas que fizeram o curso de Arquivologia; uma disse que achava interessante a relação da arquivologia com a Informática; e uma disse que lembra quando o curso foi criado e diz conhecer o professor que ajudou na elaboração do mesmo na Universidade e que a UEL foi a sétima instituição do país a ter o curso de Arquivologia.

Nessa questão, percebe-se que os alunos têm pouquíssimo conhecimento a respeito da Arquivologia; que os professores têm uma visão superficial do curso; já os funcionários veem a Arquivologia de uma maneira mais completa por conhecerem pessoas que cursaram Arquivologia.

4.4 Percepção do profissional arquivista

Quando perguntado a eles se para ser arquivista era necessário ter curso superior e por quê, dentre os funcionários, dez disseram que sim e um não soube responder. Uma funcionária (P45) acredita que há níveis de arquivista dando a seguinte opinião:

Olha, é assim, são níveis de arquivistas, eu acho que precisa sim, você precisa saber conhecer a informação, conhecer todo o procedimento para você poder trabalhar com esses documentos, não que de repente pra você fazer um arquivo pequeno alguma coisa de uma empresa pequena, por exemplo, um posto de gasolina, talvez você tendo um pouquinho de boa vontade, de conhecimento você consiga fazer, mas uma empresa grande, por exemplo, não tem como uma pessoa que não tem uma formação que não tem um conhecimento mais específico da área trabalhar com todo o tipo de informação.

Dos que disseram que para ser arquivista é preciso ter um curso superior, apresentaram respostas como a importância de se ter um curso superior em todas as profissões, pois a



graduação acaba trazendo maior aperfeiçoamento; outros disseram que é importante para manusear, arquivar de forma correta; foram citados também itens como restauração e avaliação de documentos.

Entre os professores, cinco afirmaram que é necessário ter curso superior para trabalhar como arquivista, dentre esses, uma afirmou que achava importante, apesar de não saber a diferença entre o trabalho do arquivista e do bibliotecário e dois disseram não saber, como o entrevistado P57, que assim se expressou:

[...] serviço especializado nem sempre precisa de um curso superior, depende do nível, a não ser que essa especialização dependa de um embasamento teórico que é problemático, discutível, mas isso eu não saberia dizer não, eu não sei o nível que se exige pra esse tipo de profissional, se de fato tem que ter um respaldo teórico, porque se é essencialmente um domínio de técnica não precisaria nem passar pela Universidade. A universidade tem essa parte da pesquisa, da reflexão sobre o tema, uma área.

Dos alunos, cinco afirmaram que não é necessário ter curso de graduação para atuar como arquivista, sendo que houve justificativas bem distintas, como “Não, porque o cara só vai ter que arquivar, que empilhar papel, não precisa ter Q.I. alto pra fazer isso.” Outro participante, P35, assim justificou sua resposta:

Não. Porque não só esse tipo de trabalho mais muitos outros na verdade não se necessita ter um curso superior daquilo, não que você não vai se qualificar nisso, mas, hoje em dia, a gente sabe que a pessoa pode ser um ótimo jornalista sem um curso de jornalismo, um ótimo publicitário, às vezes, sem o curso de publicidade, Então, não só de arquivologia, eu acho que muitos outros cursos hoje em dia a gente não necessariamente precise disso [...].

Nove alunos responderam que não sabiam por não terem conhecimento a respeito do curso, dentre esses, dois descobriram, nesse ponto da entrevista, que estavam confundindo o curso de arquivologia com o de biblioteconomia, como a P12 que assim se expressou: “Mas isso não era biblioteconomia? ... Ah, não sabia, nem sei a diferença entre os dois. Eu não conheço”.

Em resumo, é apontada, pela maioria dos entrevistados, a necessidade de se ter um curso de nível superior para trabalhar como arquivista, mas nota-se que falta embasamento para responder o porquê dessa necessidade, devido talvez à falta de conhecimento das atividades de um arquivista.



Dentre os alunos, 38 disseram que não conhecem nenhum arquivista; três conhecem pessoas que estão fazendo o curso; sete disseram que conhecem um arquivista, desses, cinco afirmaram que o arquivista se formou na UEL e dois não têm certeza do lugar onde a pessoa fez a graduação; dois conhecem pessoas que trabalham com arquivo, mas não sabem se são arquivistas.

Dos professores participantes, cinco não conhecem nenhum arquivista; um conhece um arquivista, mas não sabe dizer onde ele se formou e um conhece alguns professores do curso de arquivologia, mas não sabe se eles são formados em arquivologia.

Dois funcionários não conhecem nenhum arquivista; nove conhecem um arquivista e, dentre esses, três conhecem mais de um arquivista, um não soube dizer onde o arquivista se formou, todos outros são formados na UEL. Um participante confundiu arquivista com bibliotecário.

4.5 Influência dos meios de comunicação na formação de opinião

Os participantes da pesquisa foram unânimes em afirmar que acreditam que os meios de comunicação influenciam a opinião pública, porém um professor acredita que esta influência é pequena.

A respeito de como essa influência acontece, uma aluna disse que não sabe; nove citam a televisão como meio influenciador e três a Rede Globo. Foram citados ainda: Jornal Nacional, política, novelas, propagandas, revista Veja, internet, família e moda. O entrevistado P13 assim explicita o seu ponto de vista:

Ah, você pode ver claramente na televisão, por exemplo, questão assim de moda, se uma novela começa a tratar de um determinado tema, de usar um determinado tipo de roupa ou apresentar algum costume de outro povo, logo todo mundo está usando aquilo que não estava usando antes.

Entre os professores, a opinião generalizada é a de que os meios de comunicação mexem com o imaginário da população pela maneira como conduzem os fatos, informações, escândalos políticos. Um professor (P10) é da seguinte opinião:



Os meios de comunicação são formadores de opinião, grande parte das pessoas tem acesso principalmente a esse tipo de informação durante o dia e o costume que as pessoas têm de todo o dia estarem ligadas a esses meios, rádio, televisão quase que o dia inteiro você estar em contato com esses meios, eles veiculam informações, essas informações muitas vezes são informações bem produzidas, bem articuladas com a questão emocional, com a estética, enfim, tudo isso eu penso que acaba induzindo as pessoas associando informações com emoção enfim as pessoas não têm outras formas de acesso às informações, outras instâncias, elas acabam muitas vezes tendo isso como um padrão de resposta, de verdade, né, a única fonte de informação é esta, elas acabam reproduzindo.

Quando indagados a respeito da conscientização desta influência dos meios de comunicação na formação da opinião a respeito dos fatos e acontecimentos, a maioria dos participantes das três categorias respondeu que as pessoas não têm consciência. Alguns acreditam que mesmo tendo consciência desta influência, elas não fazem nada a respeito, como é o caso do depoimento de um professor (P57): “Acho que muita gente tem sim, as pessoas tem um grau de consciência sim sobre isso, não são desconhecedoras de que os meios, eles estimulam certos comportamentos, certos consumos, as pessoas reconhecem, mas encaram como uma coisa natural.” Outro participante, um aluno (P64) assim se expressou: “Algumas tem, outras não, não dá pra precisar uma porcentagem, só que sempre vai ter quem perceba e que fuja, mas a maioria não percebe ou pelo menos não se liga de que está sendo manipulado.” Um funcionário (P33), disse que “Depende do nível cultural de cada pessoa, mas deveria ter”, manifestando dessa forma a necessidade de possuir esta consciência.

4.6 Influência dos meios de comunicação na percepção das profissões

Dos 50 alunos, 43 acreditam que os meios de comunicação afetam a percepção da sociedade a respeito das profissões. Desses, a maioria (31) é de opinião que a mídia direciona certo foco para algumas profissões, citando como exemplos os cursos de medicina e direito, como afirmou o P22:

Porque tem a novela que tem o médico que é super bem sucedido, o advogado que é também o exemplo de vida, então eles generalizam muito e deixam de mostrar muita coisa que eles podiam divulgar, eles divulgam o que é do interesse deles. E as pessoas desejam tudo o que elas veem na TV. Então você não vai querer ser, por exemplo, arquivista, sei lá, uma coisa que você não conhece, até psicologia também tem muito preconceito.



Outros ainda creem que tudo depende do que está por trás da mídia, como destaca o P59 “[...] eu acredito que os meios de comunicação servem a determinados interesses, eles não partem de uma neutralidade. De acordo com os interesses, eles acabam influenciando as pessoas a determinadas escolhas.”

Também a maioria dos professores acredita que há influência dos meios de comunicação em relação às profissões, o P57 afirma que

[...] em algum grau deve influenciar, pelo menos pelas imagens, pelas notícias, informações negativas, por exemplo, nos jornais sempre aparecem informações negativas, sobre escolas, sobre educação, então se você pega um profissional dessa área acaba sendo atingido também por esse ambiente negativo, né, e outras profissões, às vezes, são mais requisitadas, na área de saúde mesmo pode haver uma valorização, mas no geral acho que alguma influência deve ter sim, mas o grau, isso eu não saberia dizer.

Entre os funcionários, obteve-se resultado semelhante, conforme a fala de um deles:

Acho que a mídia, ela coloca determinados cursos no alto como também lá embaixo, acho que as pessoas seguem um pouco isso, porque ninguém vai a campo realmente pesquisar se tal curso tá bom no ramo de trabalho ou não, as pessoas vão meio pela mídia, aquilo que a mídia divulga. (P34).

4.7 Imagem do curso e do profissional arquivista

Vinte e cinco dos 50 alunos participantes acreditam que o curso de arquivologia não possui imagem alguma porque nunca viram ou ouviram falar sobre o curso nos meios de comunicação. Nove acham que os meios de comunicação divulgam pouco: Um deles, o P64 afirmou que “Fala-se muito pouco e o pouco que falam não tem informações suficientes para as pessoas verem a importância que tem”. Dez alunos afirmaram que a imagem veiculada é negativa, o P64 disse que “Passam uma imagem de que é uma profissão em que você não vai enriquecer, passam a mesma imagem de um curso de humanas que vai ser pra você se formar e ter uma profissão, geralmente eles intensificam medicina pelo fato de você receber melhor.”

Para a maioria dos professores, não há uma imagem, pois nunca viram nada nos meios de comunicação, conforme se verifica na fala de um deles (P4): “Acho que não passam nenhuma, acho que ignoram até (risos) eu nunca vi nada sobre isto [...]”.



Oito funcionários afirmaram que a arquivologia não é abordada pelos meios de comunicação, como o depoimento do P31: “Nunca vi nenhuma reportagem ou nada relacionado à importância do arquivista, não me lembro de nenhuma matéria sobre isso”. Dois não souberam responder e um falou da importância da biblioteca, confundindo a biblioteconomia com a arquivologia e um disse que não há uma imagem da arquivologia por falta de divulgação dos próprios profissionais.

Dos alunos entrevistados, a maioria (29), não tem uma opinião formada a respeito da Arquivologia, como relata o P51: “Eu não tenho opinião porque eu nunca ouvi falar sobre nada de arquivista nem do curso”. Seis deram respostas relacionadas às profissões em geral, como, por exemplo, o P42 que assim se expressou: “Eu acho que todo profissional merece ser respeitado, eu acho que não existe nenhum profissional que não tenha função de existir [...]”. Três entrevistados se limitaram apenas a dizer que acham importante. Um falou da importância da biblioteca, confundindo Arquivologia e Biblioteconomia, equívoco que parece ser um fato recorrente na comunidade. Seis relacionaram a importância da profissão com a organização de documentos em uma empresa e outros três com a área de história.

Entre os professores, quatro não têm uma opinião formada a respeito da Arquivologia, dois relacionam a profissão com a organização de documentos, como a afirmação de um deles, do curso de Ciências Biológicas, o P3:

Acho que é uma profissão que é importante pra hoje em dia organizar esse monte de material que a gente tem de diferentes conteúdos, eu acho que é importante, quem vai fazer isso, né?”. Um outro professor (P39) acredita que “É uma profissão como qualquer outra, não vejo diferença de alguém especializado[...].

Entre os funcionários, seis não têm uma opinião formada a respeito da Arquivologia, dois relacionaram a importância da profissão com a organização de documentos e, dentre esses, um ressalta que seria necessário a regulamentação para obrigatoriedade de um profissional da área. Dois acham o curso extremamente importante e outros dois cobraram uma divulgação maior do departamento a respeito do mesmo, como a fala do P58: “Pra mim é excelente, eu vejo assim né, mas isso não pode ficar só no âmbito da UEL e de quem conhece como é realizar o curso de arquivologia, acho que tem que ter uma divulgação”.



Resumindo, constatou-se que em todas as categorias entrevistadas, mais da metade não tem uma opinião formada a respeito do curso, o que demonstra que ele é pouco conhecido na comunidade universitária e pouco se pensa sobre ele.

A justificativa pela opinião ou falta dela a respeito do curso de arquivologia e do profissional arquivista entre os alunos apontou que para 14 deles a falta de divulgação é o motivo de não terem uma opinião formada a esse respeito; quatro alegam que é a falta de importância dada pela mídia; nove porque está distante da área de estudos deles. O P54 acha que é porque o curso não tem importância, ao afirmar: “Porque talvez não seja alguma coisa que eu precise saber, eu acho que qualquer um pode arquivar, você só tem que saber colocar um papel na ordem”. Oito afirmaram que a sua falta de opinião se deve ao fato de não conhecerem nenhum arquivista e quatro não têm opinião porque a Arquivologia é um curso novo na Universidade. Três alunas de história reconheceram a importância da profissão, pois afirmaram que o arquivista é essencial para o desempenho do trabalho dos historiadores; quatro disseram que por ter conhecido arquivistas percebem a importância da profissão; uma afirmou que a opinião veio da leitura de um livro a respeito da arquivologia e dois conheceram o curso na época que estavam verificando as opções para prestar o vestibular.

Entre os professores, dois acham que não têm opinião pela falta de exposição do profissional; outros dois não responderam; dois atribuem suas opiniões ao estudo e conhecimento deles e um ao convívio com o trabalho junto aos documentos na PROPPG –Pró Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação.

Dentre os funcionários, dois acham que não conhecem pela falta de divulgação, como o P57: “Não é muito divulgado, né, tanto é que eu não vi, eu fiquei sabendo que tem porque é do departamento aqui do lado, por isso que eu sei que tem”. Sete afirmaram que pelo trabalho que fazem com os documentos diariamente, percebem a necessidade deste profissional, um reconhece a importância por conhecer duas arquivistas.

5 POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

As rápidas transformações de paradigmas na maioria dos contextos sociais provocam mudanças proporcionalmente semelhantes no imaginário social. As opiniões individuais, que se formam a respeito dos fatos, pessoas, acontecimentos e profissões, entre outros elementos da sociedade, são influenciadas pela própria sociedade através de seus meios de comunicação,



que ao se apresentarem à população por intermédio de jornais, novelas, filmes, comerciais e entrevistas com pessoas que detém a credibilidade da maioria da população, não são neutras, muito pelo contrário, chegam às pessoas carregados dos mais variados interesses.

O prestígio social que certas profissões possuem, de um modo geral, configura-se como intocável, por exemplo, a profissão de médico, que no imaginário social é aquela que mais se aproxima de Deus, pois existe a ideia de que Deus criou a vida e que o médico a preserva. Os resultados desta pesquisa confirmam essa assertiva, uma vez que, tanto para os alunos quanto para os funcionários, o curso de medicina foi o mais lembrado ao serem solicitados a citarem cursos de graduação da UEL. A respeito das questões relacionadas ao status profissional, Silva, Padilha e Borenstein (2002, p. 588) alertam que

A imagem profissional remete-nos à própria identidade profissional, em sua intrincada rede de significados que se pretendem exclusivos e, portanto, inerentes àquela profissão. A imagem profissional se consubstancia, assim, na própria representação da identidade profissional, que é em si um fenômeno histórico, social e político.

Existe também a denúncia formulada por Lopes (1998) de que o próprio arquivista considera seu trabalho de menor importância para a sociedade, sendo esse um caso de autodepreciação que a Psicologia Social explica. Ora, se a imagem profissional, como pontuam Silva, Padilha e Borenstein (2002), remete à própria identidade profissional e se o arquivista acredita que seu trabalho tenha uma importância social e científica reduzida, ou seja, possui uma identificação negativa com sua profissão, então, para mudar o cenário que esta pesquisa encontrou, tais como a não necessidade de um curso superior para executar as atividades arquivísticas, o desconhecimento da existência do curso na Instituição ou ainda a falta de opinião a respeito do valor do mesmo, encetado pela mídia, é preciso, antes de tudo, vontade política do próprio arquivista.

Em síntese, o status de uma profissão é um elemento social muito forte e que compõe a imagem que a sociedade constrói em torno da mesma. Se a imagem profissional liga-se à identidade profissional, acredita-se que intervindo na identidade, a imagem se altera. Eis aí a chave para abrir a porta e começar a trabalhar ou eis aí a indicação do caminho.



REFERÊNCIAS

FREITAS, Sidinéia Gomes. Formação e desenvolvimento da opinião pública. **Comunicarte**, Campinas, v. 2, n. 4, p. 177-184, 1984. Disponível em: <<http://www.portalrp.com.br/bibliotecavirtual/opiniaopublica/0017.htm>>. Acesso em: 25 nov. 2010.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total**: uma pedagogia dos meios de comunicação. Summus Editorial, 1978.

JARDIM, José Maria. A universidade e o ensino de arquivologia no Brasil. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila (org.). **A formação do arquivista no Brasil**. Niterói, RJ : EdUFF, 1999. c. 2, p. 31 – 52.

LOPES, Luís Carlos. **A imagem e a sombra da arquivística**. Rio de Janeiro : Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998, 110 p.

ROUSSEAU, Jean- Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1998, 356 p.

SILVA, Alcione Leite da; PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Susskind. Imagem e identidade profissional na construção do conhecimento em enfermagem. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online]. 2002, v.10, n.4, p. 586-595. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692002000400017> Acesso em: 08 ago. 2011.

VIÁ, Sarah Chucid da. **Opinião pública**: técnicas de formação e problemas de controle. São Paulo: Loyola, 1983.



APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA – ALUNO

- 1) A qual das categorias você pertence? Aluno. Funcionário. Professor.
- 2) Centro
- 3) Curso
- 4) Série
- 5) Idade
- 6) Você saberia dizer quantos cursos de graduação a UEL possui?
- 7) Você pode me dizer 5 cursos?
- 8) A que centros da UEL pertencem estes cursos:
 - Ciências Econômicas
 - Filosofia
 - Farmácia
 - Arquivologia
 - Química
- 9) Você já sabia que a UEL tem o curso de Arquivologia?
- 10) O que você acha do fato da UEL ter o curso de arquivologia?
- 11) Você acha que para ser arquivista a pessoa tenha que fazer um curso superior?
Por quê?
- 12) Você conhece algum arquivista? Sabe me dizer onde ele é formado?
- 13) Você acredita que os meios de comunicação influenciam a opinião pública, dos fatos, dos acontecimentos?
- 14) Como isto acontece?
- 15) Você acha que as pessoas têm consciência disso?
- 16) Para você, os meios de comunicação influenciam a percepção sobre profissões?
- 17) Como?
- 18) Que imagem os meios de comunicação passam da arquivologia e do profissional arquivista?



II REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E
PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

Rio de Janeiro - 16 a 18 de novembro de 2011

- 19) Qual a sua opinião a respeito da arquivologia e do profissional arquivista?
- 20) A que fatores você atribui estas suas opiniões?



APÊNDICE B

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSOR

- 1) A qual das categorias você pertence? Aluno. Funcionário. Professor
- 2) Centro
- 3) Curso
- 4) Titulação
- 5) Idade
- 6) Quanto tempo de UEL?
- 7) Você saberia dizer quantos cursos de graduação a UEL possui?
- 8) Você pode me dizer 5 cursos ?
- 9) A que centros da UEL pertencem estes cursos:
 - Ciências Econômicas
 - Filosofia
 - Farmácia
 - Arquivologia
 - Química
- 10) Você já sabia que a UEL tem o curso de Arquivologia?
- 11) O que você acha do fato da UEL ter o curso de arquivologia?
- 12) Você acha que para ser arquivista a pessoa tenha que fazer um curso superior? Por quê?
- 13) Você conhece algum arquivista? Sabe me dizer onde ele é formado?
- 14) Você acredita que os meios de comunicação influenciam a opinião pública, dos fatos, dos acontecimentos?
- 15) Como isto acontece?
- 16) Você acha que as pessoas têm consciência disso?
- 17) Para você, os meios de comunicação influenciam a percepção sobre profissões?
- 18) Como?



II REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E
PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

Rio de Janeiro - 16 a 18 de novembro de 2011

- 19) Que imagem os meios de comunicação passam da arquivologia e do profissional arquivista?
- 20) Qual a sua opinião a respeito da arquivologia e do profissional arquivista?
- 21) A que fatores você atribui estas suas opiniões?



APÊNDICE C

ROTEIRO DE ENTREVISTA - FUNCIONÁRIO

- 1) A qual das categorias você pertence? Aluno. Funcionário. Professor.
- 2) Local de trabalho (centro, pró reitoria etc.)
- 3) Cargo
- 4) Escolaridade
- 5) Idade
- 6) Quanto tempo de UEL
- 7) Você saberia dizer quantos cursos de graduação a UEL possui?
- 8) Você pode me dizer 5 cursos ?
- 9) A que centros da UEL pertencem estes cursos:
 - Ciências Econômicas
 - Filosofia
 - Farmácia
 - Arquivologia
 - Química
- 10) Você já sabia que a UEL tem o curso de Arquivologia?
- 11) O que você acha do fato da UEL ter o curso de arquivologia?
- 12) Você acha que para ser arquivista a pessoa tenha que fazer um curso superior? Por quê?
- 13) Você conhece algum arquivista? Sabe me dizer onde ele é formado?
- 14) Você acredita que os meios de comunicação influenciam a opinião pública, dos fatos, dos acontecimentos?
- 15) Como isto acontece?
- 16) Você acha que as pessoas têm consciência disso?
- 17) Para você, os meios de comunicação influenciam a percepção sobre profissões?
- 18) Como?



II REUNIÃO BRASILEIRA DE ENSINO E
PESQUISA EM ARQUIVOLOGIA

Rio de Janeiro - 16 a 18 de novembro de 2011

- 19) Que imagem os meios de comunicação passam da arquivologia e do profissional arquivista?
- 20) Qual a sua opinião a respeito da arquivologia e do profissional arquivista
- 21) A que fatores você atribui estas suas opiniões?